

# VISÕES DA REPÚBLICA BRASILEIRA EM REVISTAS ILUSTRADAS EUROPEIAS, 1889-1890

**Arthur Valle<sup>1</sup>**

A proclamação da República brasileira ocorrida no dia 15 de novembro de 1889, bem como suas consequências – especialmente a deposição do Imperador Dom Pedro II (1825-1891) e o exílio da ex-família imperial na Europa –, mobilizaram a atenção de um público variado em diversos países europeus. Um dos resultados disso foi a demanda, por parte de periódicos ilustrados do “Velho Mundo”, de imagens retratando acontecimentos e agentes vinculados à implantação do novo regime no Brasil. Um comentário anônimo publicado no periódico luso-brasileiro *A Ilustração* apenas vinte dias depois da proclamação descrevia bem a situação:

*De resto, a revolução foi tão inesperada que os jornais ilustrados europeus andaram batendo a todas as portas de brasileiros e portugueses, suplicando elementos para a reportage artística de modo a satisfazer a curiosidade do público, tanto de Lisboa, como de Paris e de Londres, onde a revolução causou uma sensação extraordinária.<sup>2</sup>*

A escassez iconográfica relativa à nova República brasileira na Europa era em parte o resultado de um regime global de circulação de imagens que ainda dependia da transmissão física, por intermédio da navegação a vapor. Mas essa escassez também refletia questões mais profundas. Como lembrou a historiadora peruana Natalia Majluf em um artigo sobre a visualização do Estado-nação nos processos de independência do Chile e do Peru, a deposição de um monarca implica não apenas em uma ruptura política, mas também na crise de todo um sistema de representação<sup>3</sup>. No caso específico do Brasil do II Reinado, o eixo central do sistema político, a própria expressão material do conceito monárquico, era a imagem de Dom Pedro II: seu corpo era indissociável, em suma, da unidade política que ele presidia. Uma primeira questão que surgiu para os editores europeus foi, portanto, como encontrar imagens capazes de preencher o vazio deixado pela queda do Imperador – um Imperador que, diga-se de passagem, era muito conhecido e respeitado na Europa.

Como veremos, a proclamação da República no Brasil foi algo que, paradoxalmente, não implicou na abolição dos usos da imagem de Dom Pedro

---

<sup>1</sup> Doutor em artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizou estágios pós-doutorais na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Nova de Lisboa. Professor Adjunto do Departamento de Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-Mail: <artus.agv.av@gmail.com>.

<sup>2</sup> “A REPUBLICA dos Estados Unidos do Brasil”. *A Ilustração*, Paris, 05 dez. 1889, p. 358. A grafia dessa e de todas as demais citações de periódicos de época foi atualizada.

<sup>3</sup> MAJLUF, Natalia. “De cómo reemplazar a un rey: retrato, visualidad y poder en la crisis de la independencia (1808-1830)”. *Historica*, vol. XXXVII, n. 1, 2013, p. 75.

II na Europa, mas antes em sua derradeira proliferação: como uma espécie de metonímia do efeito pela causa, a efigie do monarca deposto foi usada para se referir ao novo regime republicano que lhe havia substituído.

Outra questão decorria dessa primeira. Se o regime republicano se baseia em noções abstratas como soberania ou cidadania, se nele não há mais poder ligado a um corpo, como então representar o Estado? No Brasil, essa questão se complicava e não comportava uma resposta única, pois diferentes grupos políticos lutavam por estabelecer o próprio significado do ato de proclamação e do regime instaurado. É por isso que o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho pode falar não de uma proclamação, no singular, mas de “proclamações”, no plural, distinguindo nada menos do que três concepções concorrentes, que derivavam de visões diversas da República. Em primeiro lugar, havia uma versão “militar” da proclamação<sup>4</sup>, segundo a qual o ato foi estritamente militar, corporativo e executado sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), um respeitado veterano da Guerra do Paraguai; nessa versão, os civis pouco ou nada influíram. Em segundo lugar, havia uma versão “sociocrática” da proclamação<sup>5</sup>, fundamentada nas ideias do positivismo de Augusto Comte (1798-1957) e segundo a qual o verdadeiro mentor e responsável pela República teria sido Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1837-1891), um militar pacifista que foi muito influente como propagandista das ideias republicanas junto aos cadetes das escolas militares do Rio de Janeiro, onde era professor<sup>6</sup>. Por fim, havia uma concepção “liberal” da proclamação<sup>7</sup>, segundo a qual ela devia ser tributada ao movimento republicano civil, cujo marco simbólico foi o “Manifesto Republicano” de 1870: nessa concepção, a atuação militar, embora inegável, teria sido apenas um instrumento dos desígnios do Partido Republicano Brasileiro (PRB), que em, 1889, era liderado por Quintino Bocayuva (1836-1912), um dos principais responsáveis pela redação do manifesto de 1870 e diretor do jornal carioca *O Paiz*, porta-voz do oficialismo republicano. Como veremos, imagens que refletiam aspectos dessas três concepções de proclamação e de República – a “militar”, a “sociocrática” e a “liberal” – foram publicadas na Europa, sem que qualquer delas tenha conseguido se impor como hegemônica.

Partindo das questões acima levantadas e das ideias avançadas por investigadores como Majluf e Carvalho, o presente texto visa discutir um conjunto de imagens relativas à implantação do regime republicano no Brasil que foram publicadas em revistas ilustradas europeias entre finais de 1889 e 1890. Para tanto, consideraremos três periódicos de Lisboa (*A Comedia Portuguesa, O Occidente e Pontos nos II*), um de Madrid (*La Ilustración Española y Americana*) e dois de Paris (*Le Monde Illustré e L'Illustration*), além da já citada *A Ilustração*, que, embora fosse escrita em português visando um público luso-brasileiro, também era editada em Paris<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 38-40.

<sup>5</sup> CARVALHO, *A formação das almas...*, p. 40-48.

<sup>6</sup> Nesse sentido, se deve destacar a atuação de Constant na Escola Militar da Praia Vermelha e na Escola Superior de Guerra.

<sup>7</sup> CARVALHO, *A formação das almas...*, p. 48-54.

<sup>8</sup> VALLE, Arthur. “Transnational dialogues in the images of *A Ilustração*, 1884-1892”. *RIHA Journal*, art. 0115, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.riha-journal.org/articles/2015/2015-jan-mar/valle-transnational-dialogues>>.

Nossa premissa básica nesse artigo é a de que, mais do que simples ilustrações de acontecimentos históricos, as imagens que aqui apresentaremos necessitam ser entendidas como autênticos atos<sup>9</sup> que ajudaram a moldar o significado da realidade política da República brasileira.

## Em Torno do Ato de Proclamação da República

Um dos principais conjuntos de imagens sobre a República brasileira publicado na Europa buscava apresentar os acontecimentos do dia 15 de novembro de 1889. Embora, como veremos, essas imagens não tenham sido cronologicamente as primeiras relativas ao novo regime publicadas na Europa, elas são das mais interessantes, pois evidenciam de modo exemplar o quanto as diferentes perspectivas sobre o ato da proclamação tornavam fluido o seu significado, abrindo-o para interpretações diversas.

Apesar das muitas controvérsias interpretativas sobre o episódio da proclamação<sup>10</sup>, alguns fatos parecem ser consenso entre os investigadores: na manhã do dia 15, o quartel-general localizado no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro, foi cercado por regimentos militares rebeldes, que tinham a frente o Marechal Deodoro e Benjamin Constant. Dentro do quartel estavam o presidente do Conselho de Ministros do Império Afonso Celso de Assis Figueiredo, o visconde de Ouro Preto (1836-1912), e outros ministros, bem como guarnições governamentais que, supostamente leais a Ouro Preto, ao cabo se recusaram a obedecer às suas ordens de debelar os revoltosos. Pouco depois, o Marechal Deodoro entrou no quartel-general, discutiu com Ouro Preto e dissolveu o ministério; ao sair para confraternizar com as tropas, uma multidão considerável de militares e civis, entre os quais estava Quintino Bocayuva, o aguardava. Deodoro recebeu aclamações, tomando depois a dianteira das tropas e liderando um cortejo que atravessou o centro do Rio. À noite, Dom Pedro II já estava oficialmente deposto e um governo provisório fora instalado, decretando que o Brasil passava a ser uma República federativa.

Ao que tudo indica, a primeira imagem retratando os eventos de 15 de novembro publicada na Europa foi uma xilogravura de página inteira impressa em *L'illustration* de 14 de dezembro de 1889 (Fig. 1). Assinada por Bellanger, essa imagem, como indicado em sua legenda, derivava de um desenho enviado por Verediano Carvalho, um escritor vinculado ao PRB. O comentário em *L'illustration* assim a descreve:

*Estamos na Rua do Ouvidor, uma das artérias principais do Rio. As tropas do Exército e da Marinha desfilam, em meio às aclamações; à frente, o marechal da Fonseca, a cavalo, saúda com seu quepe, enquanto à sua esquerda,*

<sup>9</sup> JOSCHKE, Christian. “À quoi sert l’iconographie politique?”. *Perspective: La revue de l’INHA*, n. 1, 2012, Paris, p. 188.

<sup>10</sup> MATTOS, Hebe. “A vida política”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010 – Vol. 3: a abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre, 2012, p. 89.

o sr. Bocayuva, igualmente a cavalo, responde aos gritos da multidão, levantando seu chapéu de feltro. Das janelas do jornal *O Paiz*, diante das quais desfila a tropa nesse momento, lenços são agitados. O entusiasmo é geral. Pouco depois, o governo provisório foi instalado.<sup>11</sup>



LA RÉVOLUTION BRÉSILIENNE. — Les chefs du mouvement parcourant la ville de Rio à la tête des troupes ralliées à la République. — D'après un dessin communiqué par M. Verdiano Carvalho.

**Fig. 1** – A Revolução Brasileira, xilogravura publicada em *L'illustration*, Paris, 14 dez. 1889, p. 516.

Como talvez nenhuma outra, essa imagem do 15 de novembro parece se encontrar

<sup>11</sup> “LES ÉVÉNEMENTS du Brésil”. *L'illustration*, Paris, 14 dez. 1889, p. 517. Tradução livre.

alinhada com a visão “liberal” da proclamação da República. Em primeiro lugar, nela é sublinhada uma intensa adesão popular ao desfile das tropas: o “entusiasmo é geral” e, especialmente no primeiro plano, na rua ou nas varandas, predomina claramente a participação civil. O desenhista não perdeu a oportunidade para enfatizar o caráter heterogêneo da multidão, representando, em meio aos homens brancos que predominam, algumas mulheres e afrodescendentes. Em segundo lugar, não é casual o destaque dado a Quintino Bocayuva, colocado no centro da imagem, ao lado e em pé de igualdade com o Marechal Deodoro. Outro fator que frisa o destaque de Bocayuva é a importância conferida à redação d’*O Paiz*, o jornal dirigido pelo líder do PRB. Exatamente uma semana depois, em 21 de dezembro, uma xilogravura inspirada na de *L’Illustration* foi publicada no periódico lisboeta *O Occidente*<sup>12</sup>. Embora se possa argumentar que a qualidade da gravura portuguesa é inferior a de seu protótipo francês, *grosso modo* se mantêm as mesmas características compositivas que enfatizam a participação civil na proclamação: não só a predominância dos civis é evidente, especialmente no primeiro plano, como Bocayuva e a redação d’*O Paiz* permanecem como elementos centrais na imagem. O comentário em *O Occidente* parece também afinado com a visão “liberal” do evento: nele é dito que “o entusiasmo da população tocou o delírio” e explicado que, por ter sido “o jornal *O Paiz* o que mais pugnou pela proclamação da república [...] as manifestações populares tiveram ali a sua maior expansão”<sup>13</sup>.

Todavia, a segunda imagem da proclamação, publicada por *L’Illustration* no dia 21 de dezembro, tem um caráter bem diferente. Trata-se de outra xilogravura, dessa feita realizada aparentemente a partir de uma fotografia (Fig. 2). A legenda dessa imagem explica que o que vemos é “a multidão acorrendo ao paço imperial durante a notificação da deposição [do Imperador]”. Com efeito, nos é mostrado o movimento dos transeuntes na antiga Praça Dom Pedro (hoje chamada Praça XV de Novembro, em homenagem ao dia da proclamação), tendo à direita um embarcadouro dos *ferry boats* que faziam a ligação entre o Rio e a cidade de Niterói, localizada do outro lado da Baía da Guanabara. Poder-se-ia julgar que se trata apenas de um instantâneo do dia-a-dia movimentado de um ponto central da cidade se o comentarista francês não chamasse a atenção para “o pequeno cortejo que desfila bem ao fundo da praça [e que] representa, quem acreditaria? a revolução em marcha: a mais pacífica, de fato, de todas as revoluções ocorridas até o dia de hoje”<sup>14</sup>.

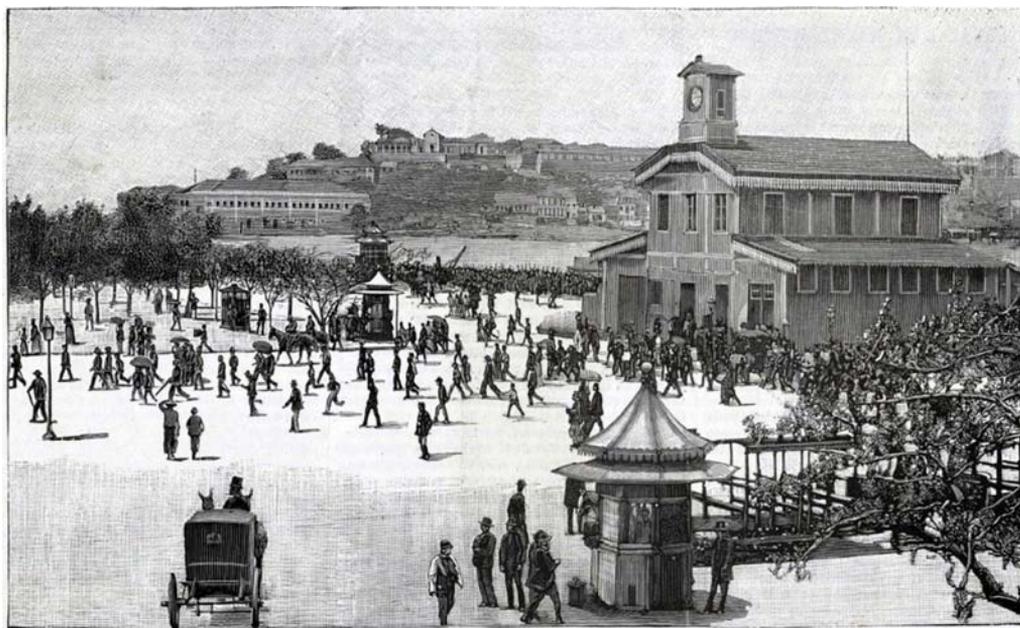
Em franco contraste com a Fig. 1, essa imagem ressalta, portanto, uma relativa alienação entre o povo e o desfile militar que se seguiu à proclamação. Ela recorda admiravelmente as palavras proferidas ainda no dia 15 por Aristides da Silveira Lobo (1838-1896), um conhecido propagandista da República, segundo o qual “o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava,

<sup>12</sup> Cf. *O Occidente*, Lisboa, 12º ano, vol. XII, n. 396, 21 dez. 1889, p. 285. Uma reprodução dessa gravura se encontra disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao\\_republica\\_arquivos/figura14.jpg](http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao_republica_arquivos/figura14.jpg)>. Acesso em: 1º jan. 2016.

<sup>13</sup> “A PROCLAMAÇÃO da República”. *O Occidente*, Lisboa, 21 dez. 1889, p. 283.

<sup>14</sup> “LES ÉVÉNEMENTS du Brésil”. *L’Illustration*, Paris, 21 dez. 1889, p. 548. Tradução livre.

julgando ver talvez uma parada militar”<sup>15</sup>. A visão “liberal” da proclamação dá lugar aqui a uma imagem ambígua, na qual o sentido último do evento permanece incerto.



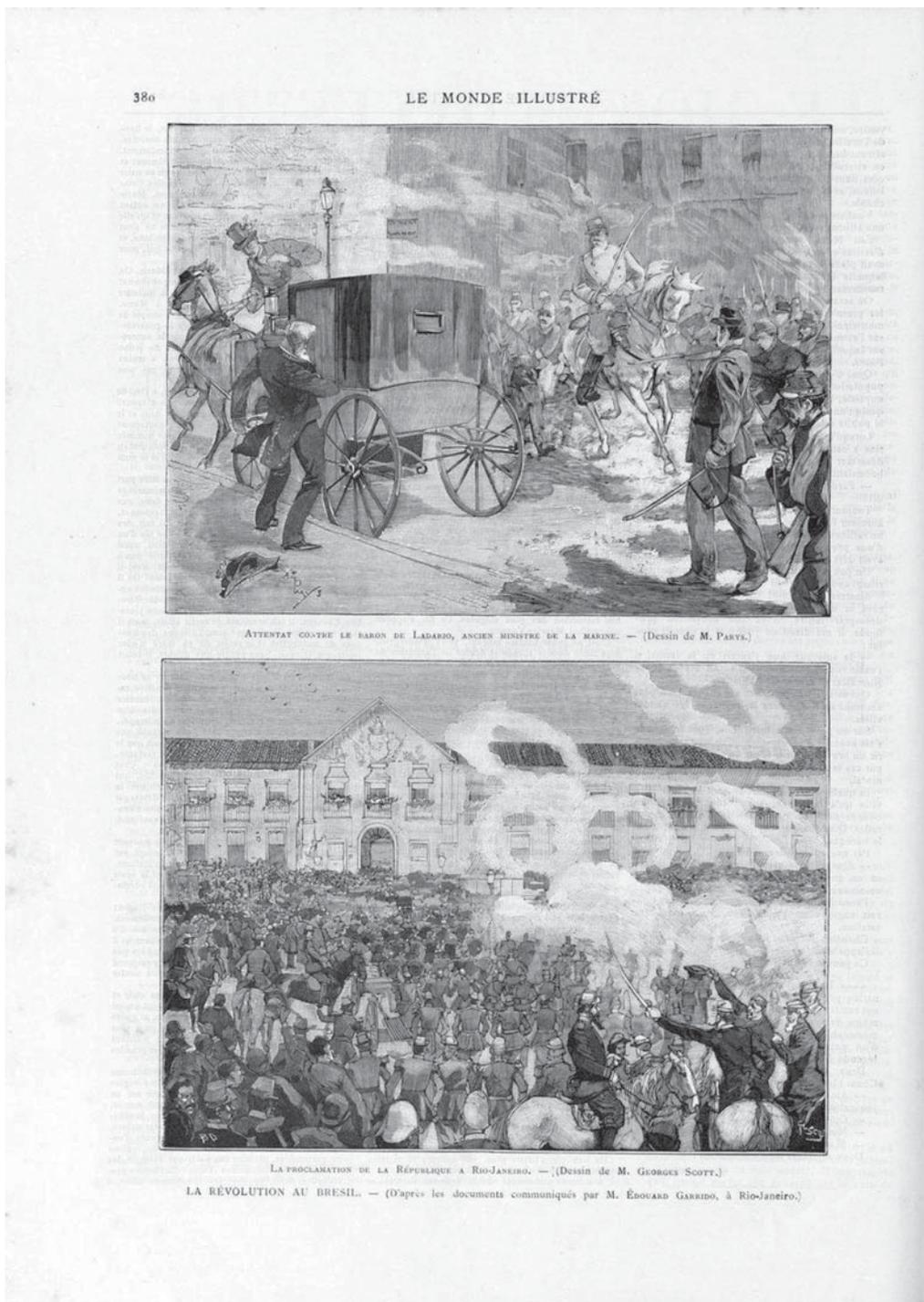
La foule se portant au palais impérial pendant la notification de la deposition.

**Fig. 2** – A multidão acorrendo ao paço imperial durante a notificação da deposição, xilogravura publicada em *L'illustration*, Paris, 21 dez. 1889, p. 536.

Também no dia 21 de dezembro de 1889 foram publicadas, por *Le Monde Illustré*, duas outras xilogravuras referentes aos eventos de 15 de novembro (Fig. 3). A primeira mostrava o atentado contra José da Costa Azevedo, o Barão de Ladario (1823-1904), um militar e político que era então Ministro da Marinha; a segunda representava o próprio ato de proclamação da República, em frente ao quartel general do Campo de Santana. Essas duas imagens, que foram republicadas por *A Ilustração* em 05 de janeiro de 1890, ofereciam novas visões da proclamação, bem diversas das já apresentadas. Por exemplo, a imagem do atentado ao Barão de Ladario – que foi alvejado na manhã da proclamação em frente ao quartel general ao resistir à ordem de prisão emitida pelo Marechal Deodoro – aparentemente contradizia a ideia de que a instauração da República no Brasil teria ocorrido de maneira pacífica. É certo que os textos referentes a essa imagem – tanto em *Le Monde Illustré*, quanto em *A Ilustração* – se apressavam em afirmar o caráter excepcional do ocorrido; mas nela o barão é curiosamente representado de uma maneira que evoca o próprio Dom Pedro II e um leitor desavisado, especialmente se não fosse brasileiro, poderia interpretar tal imagem com a de uma violenta agressão feita diretamente contra a instituição imperial. Já a xilogravura que mostrava a proclamação da República parecia afirmar a

<sup>15</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 09.

predominância do corporativismo militar no evento, pois apenas militares podem ser inequivocamente nela identificados.



**Fig. 3** – Xilogravuras publicadas em *Le Monde Illustré*, Paris, 33. année, n. 1708, 21 dez. 1889, p. 380.

No começo de 1890, uma segunda imagem do ato da proclamação da República em frente ao quartel general do Campo de Santana começou a circular na Europa. Tratava-se de uma gravura que apareceu pela primeira vez na edição de *Le Monde Illustré* de 18 janeiro de 1890 e que foi, logo depois, republicada por *A Ilustração* em sua edição de 5 de fevereiro (Fig. 4). Os comentários a essa gravura afirmavam a suposta fidelidade com a qual o ato da proclamação nela era retratado; n' *A Ilustração*, por exemplo, a imagem era descrita como “um quadro exato do que foi o dia 15 de novembro de 1889, quando o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República em frente ao Quartel general do Rio de Janeiro, diante do exército e do povo”<sup>16</sup>. Cerca de um ano depois, quando a República brasileira comemorava o seu primeiro aniversário, *O Occidente* voltou a publicar essa imagem, dessa feita em uma versão xilogravada<sup>17</sup>, acompanhada de um comentário que nos ajuda a melhor intuir as suas prováveis intenções à época:

*À extrema amabilidade do sr. Vieira da Silva, digníssimo cônsul geral do Brasil em Lisboa, devemos o poder reproduzir nas páginas do OCCIDENTE o quadro da proclamação da república do Brasil pintado pelo senhor Oscar [Pereira] da Silva [1867-1939], artista brasileiro.<sup>18</sup> Foi o sr. Vieira da Silva que nos facilitou a fotografia de que nossa gravura é cópia, fotografia que lhe foi enviada do Rio de Janeiro pela redação do jornal o Paiz, nas salas do qual este quadro está em exposição.*

[...]

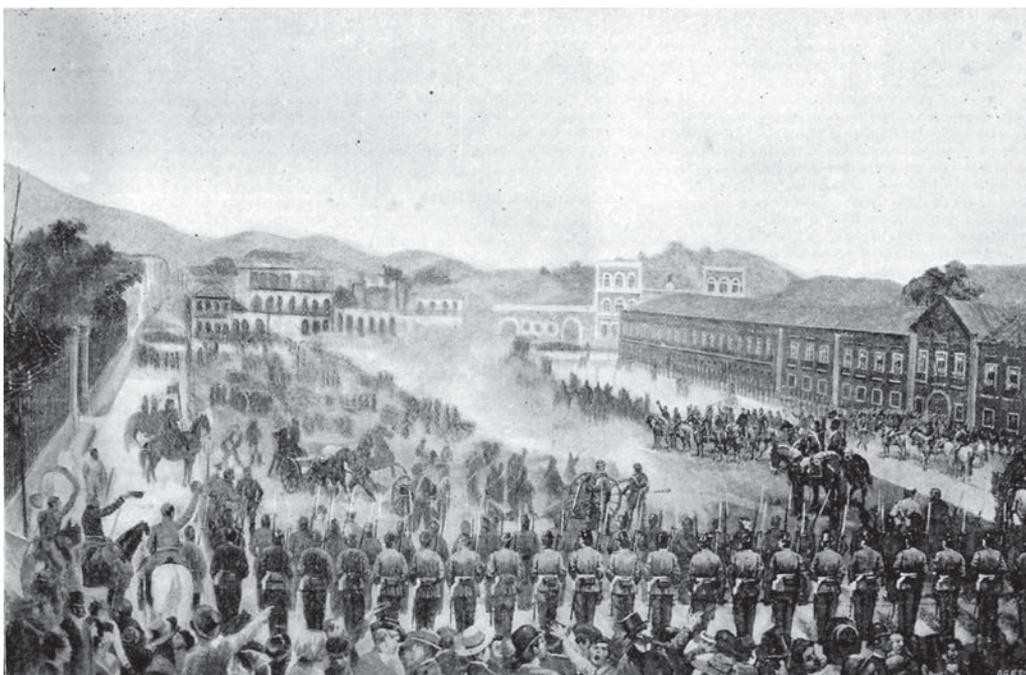
*O quadro representa a artilharia formada em frente do quartel do Campo de Santana, salvando como vinte e um tiros a proclamação da república feita pelo General [sic] Deodoro, Quintino Bocayuva e Benjamin Constant.<sup>19</sup>*

<sup>16</sup> “A REPÚBLICA brasileira”. *A Ilustração*, Paris, 5 fev. 1890, p. 42.

<sup>17</sup> Cf. *O Occidente*, Lisboa, 13º ano, vol. XIII, n. 429, 21 nov. 1890, p. 261. Uma reprodução dessa gravura se encontra disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao\\_republica\\_arquivos/figura13.jpg](http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao_republica_arquivos/figura13.jpg)>. Acesso em: 1º jan. 2016.

<sup>18</sup> O quadro de Oscar Pereira da Silva ainda hoje se preserva, pertencendo ao acervo do Museu Casa Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. Cfr. LIMA JR., Carlos. “Apressados pincesis”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 112, p. 60-65.

<sup>19</sup> “A PROCLAMAÇÃO da República no Brasil (Quadro de Oscar da Silva)”. *O Occidente*. Lisboa, 21 nov. 1890, p. 260.



BRAZIL. — QUADRO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, NO DIA 15 DE NOVEMBRO, DIANTE DO QUARTEL GENERAL DO RIO DE JANEIRO.

**Fig. 4** – *Brazil – Quadro da Proclamação da República, no dia 15 de novembro, diante do Quartel General do Rio de Janeiro, gravura publicada em A Ilustração, Paris, 05 fev. 1890, p. 41.*

A princípio, poderíamos julgar que estamos diante de mais uma imagem que afirma a visão “militar” da proclamação. Uma análise mais detida evidencia, porém, certas ambiguidades que parecem ter sido intencionalmente configuradas. Em primeiro lugar, existe a entusiástica aclamação dos civis representados em uma faixa no primeiro plano da imagem: eles parecem confirmar as palavras do comentário n’*A Ilustração*, segundo o qual a proclamação se deu “diante do exército e do povo” - embora cumpra notar que o “povo” se encontra apartado do centro da ação por fileiras de soldados rigidamente perfilados<sup>20</sup>. Em segundo lugar, na imagem em questão, o ato fundador do regime aparece esvaziado de qualquer personalismo: a imagem é pontuada por pequenas figuras, agrupadas de modo mais ou menos coerente, reforçando o sentido de ausência de uma hierarquia explícita; ninguém ocupa o centro geométrico da composição, que é desmaterializado pela fumaça da “salva de vinte um tiros”; em suma, nenhuma figura específica é enfatizada e temos dificuldade, inclusive, em dizer onde se encontra o Marechal Deodoro, explicitamente citado no comentário d’*O Occidente*.

Essa segunda visão do ato de proclamação parece, portanto, relativizar o papel preponderante dos militares. Isso fica evidente quando a comparamos com um conhecido quadro do pintor Benedito Calixto (1853-1927), datado de c. 1893<sup>21</sup>,

<sup>20</sup> Essa rigidez é patente em vários elementos da composição, o que nos faz supor que Pereira da Silva tenha usado como referência para realizar o seu quadro uma fotografia hoje desconhecida.

<sup>21</sup> Uma reprodução dessa pintura se encontra disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao\\_republica\\_arquivos/figura15.jpg](http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao_republica_arquivos/figura15.jpg)>. Acesso em: 1º jan. 2016.

que, embora seja muito similar à Figura 4, propõe uma interpretação muito diversa do ato de proclamação ao excluir completamente o elemento civil do primeiro plano da cena e colocar o Marechal Deodoro claramente no centro da composição. Um último dado relevante – o local original de exibição da pintura de Pereira da Silva, que era a redação d’O Paiz – parece reforçar a ideia de que tanto o quadro quanto as gravuras dele derivadas tinham, na verdade, uma relação estreita com a concepção “liberal” da proclamação defendida pelos partidários do PRB.

## Os Símbolos da República: Bandeira, Selos, Moedas

Na constituição visual da República brasileira, bandeiras, escudos, moedas e selos desempenharam um papel importante. O processo foi semelhante ao verificável em outras repúblicas sul-americanas estabelecidas durante a primeira metade do século XIX. Como recorda Majluf, a função da bandeira e do escudo como elementos constitutivos do poder republicano derivava “tanto [de] sua capacidade de interpelação ideológica como [dos] efeitos diretos que tem na sociedade ao instituir e realizar a própria ideia de Estado-nação”<sup>22</sup>; já a moeda e o papel selado, além de símbolos de poder, “são a materialização tangível e efetiva de noções abstratas como a soberania e autoridade estatal”<sup>23</sup>. Nesse mesmo sentido, Carvalho lembra da urgência de que se revestiu a redefinição de símbolos nacionais como a bandeira ou o hino já nos primeiros dias após a proclamação da República: “De adoção e uso obrigatórios, esses dois símbolos tinham que ser estabelecidos por legislação, com data certa. Era batalha decisiva”<sup>24</sup>. Urgência semelhante se manifestou no caso das moedas e selos brasileiros. E, uma vez definidos os novos símbolos referentes ao Estado republicano, estes começaram a circular na Europa, reproduzidos em alguns dos principais periódicos ilustrados do continente.

Nesse contexto, teve primazia a nova bandeira brasileira: a edição de 18 de janeiro de 1890 de *Le Monde Illustré*, por exemplo, publicou um croqui do novo pendão, assim descrevendo-o: “Sobre um fundo verde um losango amarelo enquadra uma esfera azul portando sobre uma faixa branca equatorial a divisa: ordem e progresso; a constelação de estrelas que caracteriza o Brasil se desenha em branco sobre o azul da esfera”<sup>25</sup>. Como fica evidente pela divisa, essa bandeira – que havia sido oficialmente adotada por decreto já no dia 19 de novembro – representava uma vitória dos positivistas brasileiros, ou seja, dos defensores da visão “sociocrática” do regime. Ela teria sido desenhada pelo pintor e escultor Décio Rodrigues Villares (1851-1931) e preservava o aspecto geral da bandeira imperial, apenas excluindo os emblemas do Império brasileiro<sup>26</sup> e acrescentando a faixa branca com a divisa, muitíssimo identificada com o positivismo. Com efeito, prevaleceu na concepção da bandeira republicana uma indicação do próprio Comte segundo o qual “na primeira fase da transição orgânica da humanidade

<sup>22</sup> MAJLUF, “De cómo reemplazar a un rey...”, p. 92. Tradução livre.

<sup>23</sup> MAJLUF, “De cómo reemplazar a un rey...”, p. 92. Tradução livre.

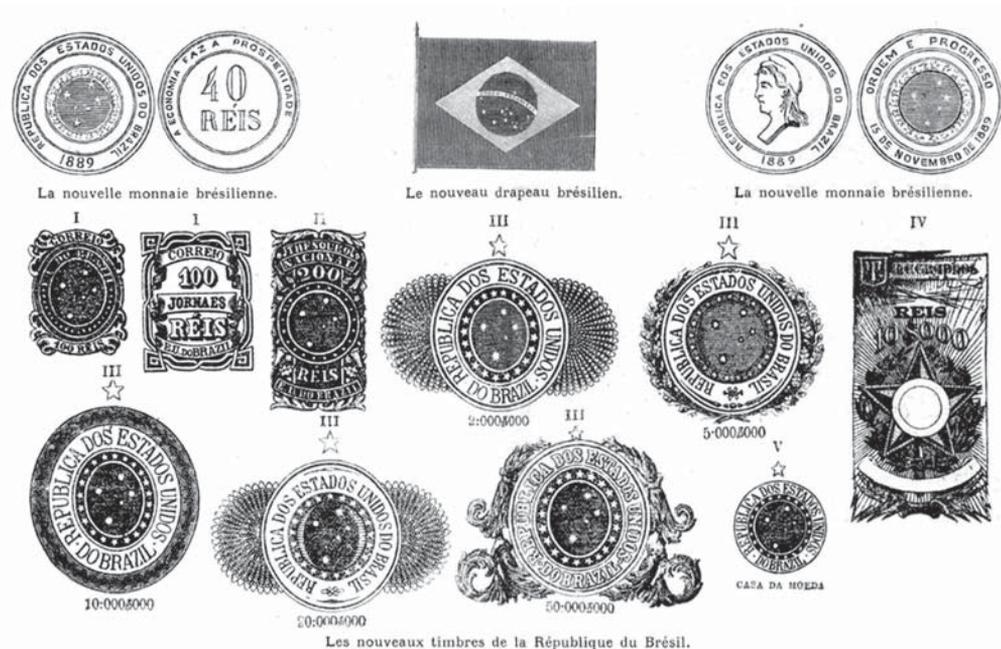
<sup>24</sup> CARVALHO, *A formação das almas...*, p. 109.

<sup>25</sup> “LA PROCLAMATION de la République au Brésil”. *Le Monde Illustré*, Paris, 18 jan. 1890, p. 38. Tradução livre.

<sup>26</sup> A cruz, a esfera armilar, a coroa, os ramos de café e tabaco.

deveriam ser mantidas as bandeiras vigentes, com o acréscimo da divisa política ‘Ordem e Progresso’<sup>27</sup>. Seguindo de perto os princípios positivistas, a bandeira ligava assim o passado do Brasil ao seu presente e ao seu futuro. De certo, houve oposição ao novo símbolo por parte dos críticos à República “sociocrática”, mas isso não transpareceu na Europa, onde outros periódicos continuaram divulgando a nova bandeira. Por exemplo, o croqui de *Le Monde Illustré* foi republicado por *A Illustração* no dia 05 de fevereiro de 1890.

Já antes disso, porém, no dia 1 de fevereiro, um desenho mais simplificado do pendão apareceu em *L'illustration* (Fig. 5). Junto com a bandeira eram mostrados 10 novos selos republicanos, a grande maioria apresentando em comum, no seu centro, a constelação do Cruzeiro do Sul circundada por vinte e uma estrelas representando os Estados da federação brasileira. Eram também mostrados a frente e o verso de duas moedas republicanas, uma das quais merece aqui destaque: além do Cruzeiro do Sul circundado por estrelas, ela trazia a divisa positivista “Ordem e Progresso” e o perfil de uma mulher portando o barrete frígio. Trata-se de uma representação da própria República brasileira, a maneira da conhecida “Marianne”, uma personificação feminina da República que se tornou muito popular no Ocidente, sobretudo a partir das agitações de 1848 na França<sup>28</sup>.



**Fig. 5** – Os novos selos da República do Brasil, gravura publicadas em *L'illustration*, Paris, 1º fev. 1890, p. 97.

<sup>27</sup> CARVALHO, *A formação das almas...*, p. 112.

<sup>28</sup> AGULHON, Maurice. *Marianne au combat: l'imagerie et la symbolique républicaines de 1789 à 1880*. Paris: Flammarion, 1979.

Essa personificação da República como mulher, portando o barrete frígio, era bem conhecida no Brasil antes mesmo da proclamação: ela foi empregada especialmente pelos artistas da imprensa e continuou em uso até o início do século XX, quando começou a ser caricaturada para ridicularizar o regime republicano<sup>29</sup>. Mais raramente, tal personificação também foi usada por pintores e escultores, em especial aqueles ligados ao positivismo, como o referido Decio Villares. De modo geral, porém, as personificações ou alegorias da República brasileira parecem ter sido relativamente raras nas imagens publicadas em periódicos europeus, com exceção dos periódicos portugueses, onde elas usualmente comportavam elementos de ironia e sátira, como veremos na parte final deste artigo.

## Retratos de Republicanos e da Ex-Família Imperial

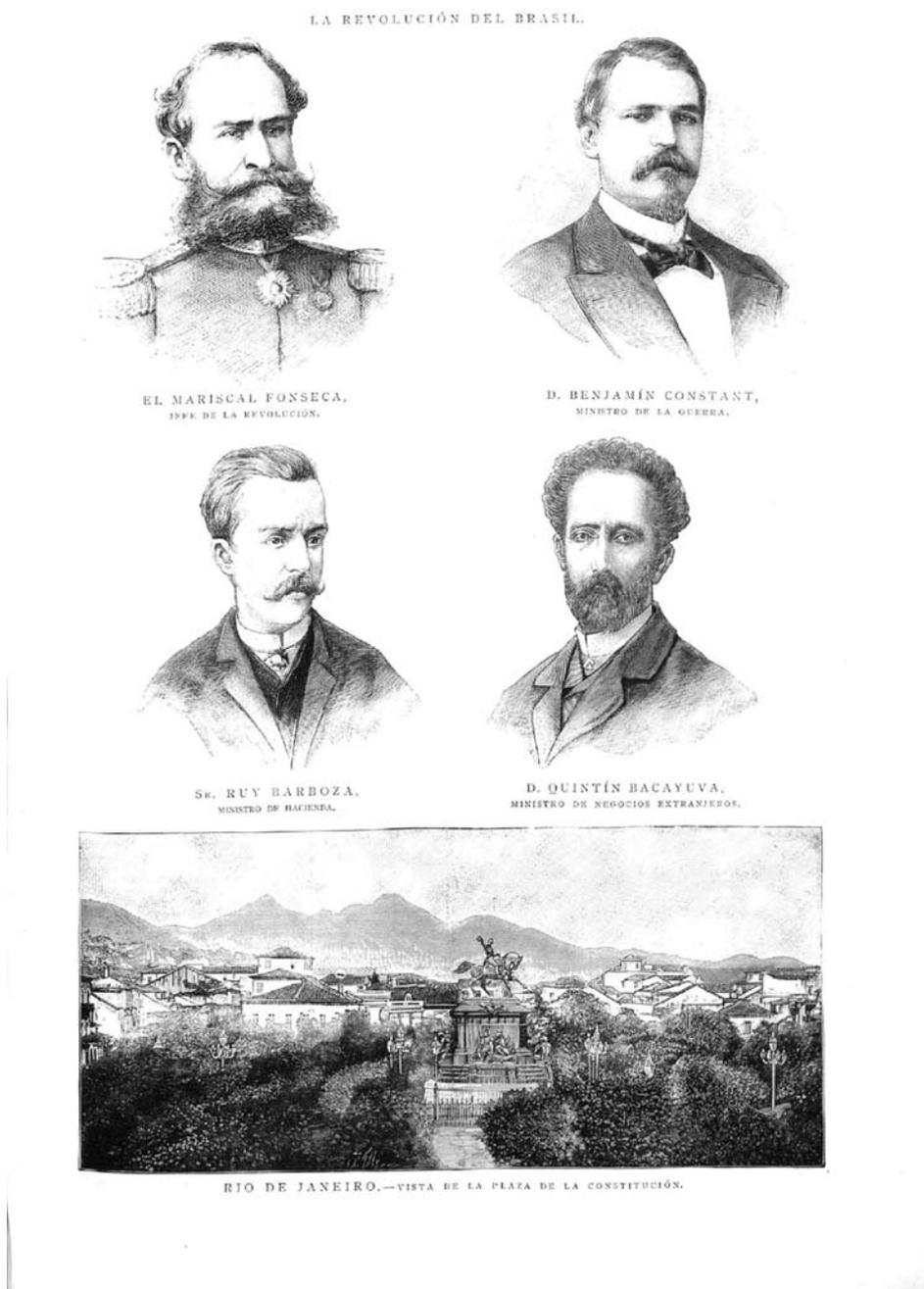
Nas semanas que se seguiram à proclamação, outra estratégia muito usada pelos periódicos europeus para evocar a República brasileira foi publicar retratos dos principais agentes envolvidos na instauração do novo regime – tanto daqueles responsáveis pela proclamação, quanto daqueles que foram por ela afastados do poder. De um lado, portanto, foram estampados diversos retratos de republicanos, especialmente daqueles que viriam a constituir o governo provisório que durou até fevereiro de 1891, quando uma nova constituição foi promulgada<sup>30</sup>; de outro lado, foram igualmente publicados retratos da ex-família imperial brasileira, tendo recebido destaque nesse conjunto os retratos de Dom Pedro II.

A iniciativa na publicação de retratos dos republicanos no continente europeu partiu de *L'illustration*. Na edição de 23 de novembro de 1889, o periódico parisiense destacou em sua capa os retratos xilogravados do Marechal Deodoro - que era designado como “promotor da revolução” - e de Benjamin Constant, que assumiu o posto de Ministro da Guerra do governo provisório; no interior dessa mesma edição, *L'illustration* publicou ainda os retratos de Ruy Barbosa (1849-1923) e de Quintino Bocayuva, respectivamente Ministro das Finanças e Ministro das Relações Exteriores do governo provisório. Exatamente a mesma série de quatro retratos de *L'illustration* foi republicada em uma página interna de *La Ilustración Española y Americana* em 30 de novembro (Fig. 6). Nesse mesmo dia, *Le Monde Illustré* também publicou uma série de quatro retratos de republicanos brasileiros que só diferia da acima referida por apresentar um retrato do Ministro da Justiça, Manoel Ferraz de Campos Salles (1841-1913), ao invés do de Ruy Barbosa. Logo a seguir, no dia 1º de dezembro, *O Occidente* publicou, em uma página inteira legendada como “O Governo Provisório”, retratos do Marechal Deodoro, B. Constant, R. Barbosa e Q. Bocayuva realizados a partir de clichês xilográficos próprios, embora muito semelhantes aos de *L'illustration*. No dia 5 de dezembro, *Pontos nos ii*, um periódico dirigido pelo artista português Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905), publicou em sua primeira página versões litografadas dos retratos do Marechal Deodoro, Q. Bocayuva e B. Constant. Finalmente, também em sua edição de 05 de dezembro, *A Ilustração* estampou em sua capa a mesma série de quatro

<sup>29</sup> CARVALHO, A formação das almas..., p. 75-96.

<sup>30</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª. edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 249-252.

retratos originalmente publicada por *L'illustration*; como complemento, na seção “As Nossas Gravuras,” era apresentada uma síntese do papel que cada um desses agentes desempenhou no processo de instauração da República<sup>31</sup>.



**Fig. 6** – *A Revolução do Brasil*, gravuras publicadas em *La Ilustración Española y Americana*, Madri, 30 nov. 1889, p. 317.

<sup>31</sup> “A REPÚBLICA dos Estados Unidos do Brasil”. *A Ilustração*, Paris, 5 dez. 1889, p. 358-359.

Nas semanas seguintes, à medida que novas informações chegavam do Brasil, a galeria de retratos de membros do governo provisório foi sendo complementada. Em 14 de dezembro, *L'Illustration* dedicou uma página inteira aos retratos de mais quatro ministros: o já referido Aristides Lobo, que foi designado Ministro do Interior; Demetrio Ribeiro (1853-1933), Ministro da Agricultura; Eduardo Wandenkolk (1838-1902), Ministro da Marinha; e Campos Salles, Ministro da Justiça. *Le Monde Illustré* e *O Occidente* de 21 de dezembro de 1889, bem como *A Illustração* de 05 de janeiro de 1890 seguiriam mais uma vez a iniciativa de *L'Illustration*, publicando retratos desses mesmos ministros, mas incorrendo em pequenas variações como, por exemplo, a utilização de clichês xilográficos alternativos. Por vezes, essas variações eram ditadas pelo desejo de veicular imagens mais fieis ao retratados, como no caso da publicação de um segundo e diverso retrato de Ruy Barbosa feita tanto por *Le Monde Illustré* como por *A Illustração*. Como explicava um comentário desse último periódico: “Repetimos o retrato do sr. dr. Ruy Barbosa, atendendo a que, pelos documentos que recebemos agora do Brasil, o retrato que de S. Ex. publicamos no número da ILLUSTRAÇÃO de 5 de dezembro findo, muito pouco se parece, por ser tirado duma má fotografia”<sup>32</sup>.

Uma mesma fórmula foi seguida à risca em todos os retratos citados até aqui: neles, os republicanos brasileiros são mostrados em meio-vulto, usualmente de três quartos, exprimindo expressões de serenidade e/ ou determinação. A relativa neutralidade de tais retratos era compatível, assim, com o tom pretensamente jornalístico das matérias que eles ilustravam. Estamos muito distantes do tipo de representação heroica usada, por exemplo, no famoso retrato equestre do Marechal Deodoro, executado em c. 1892 pelo pintor Henrique Bernardelli (1858-1936)<sup>33</sup> – a representação por excelência da concepção “militar” de República, “transformad[a] em versão oficial e sagrada do momento da proclamação”<sup>34</sup>. Podemos afirmar, portanto, que nos periódicos ilustrados europeus, logo após a proclamação da República, o gênero do retrato não desempenhou o mesmo papel ambíguo que teve na configuração imagética dos novos estados sul-americanos durante a primeira metade do século XIX, quando se buscou incorporar e identificar as efígies dos novos governantes à própria emblemática republicana<sup>35</sup>.

Outro efeito da proclamação da República no Brasil que acima já adiantamos foi o fato dela ter contribuído para um aumento da circulação na Europa de imagens da ex-família imperial brasileira, especialmente do recém-deposto Dom Pedro II. Aparentemente paradoxal, esse efeito estava em parte ligado às contingências daquele momento: especialmente na primeira semana que se seguiu ao 15 de novembro, a já referida carência de imagens a respeito da proclamação levou os periódicos europeus a sacarem de seus arquivos outras que de algum modo pudessem cumprir tal função. Imagens referentes ao regime deposto, sobretudo retratos do ex-Imperador, eram as mais fáceis de se obter e as mais adequadas para tal propósito. Todavia, a admiração e o respeito que Dom Pedro II inspirava

<sup>32</sup> *A Illustração*, Paris, 5 jan. 1890, p. 4 e 6

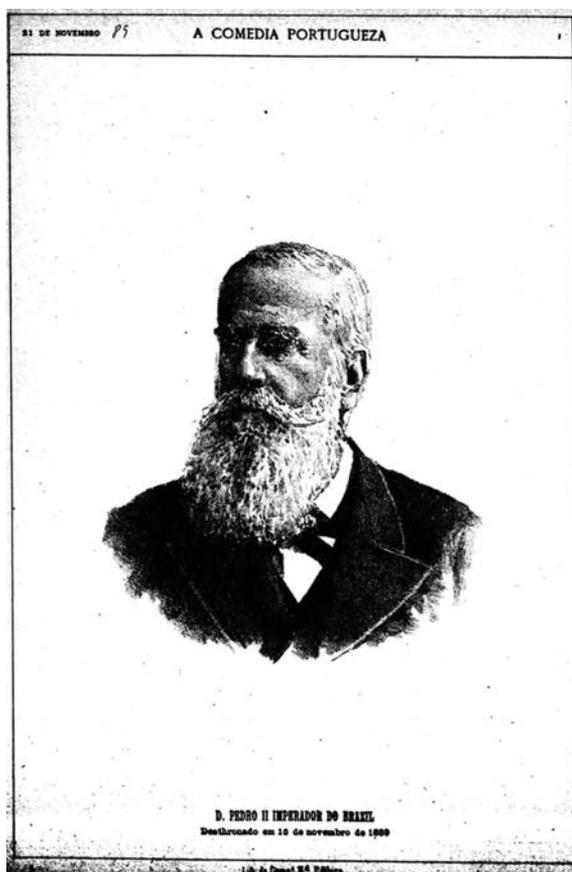
<sup>33</sup> Uma reprodução dessa obra se encontra disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao\\_republica\\_arquivos/figura16.jpg](http://www.dezenovevinte.net/criticas/ilustracao_republica_arquivos/figura16.jpg)>. Acesso em: 01 jan. 2016.

<sup>34</sup> CARVALHO, *A formação das almas...*, p. 36

<sup>35</sup> MAJLUF, “De cómo reemplazar a un rey...”, p. 93.

na Europa também parecem ter desempenhado um papel nesse processo de rememoração de sua efígie.

A disponibilidade de imagens do ex-Imperador fez com que retratos seus tenham sido usados pelos periódicos europeus em conjunção com as primeiríssimas notícias da proclamação da República. Provavelmente o exemplo mais precoce se encontra na edição de 21 de novembro de *A Comedia Portuguesa*, que estampou em sua capa uma litografia de Dom Pedro II oriunda da Companhia Nacional Editora de Portugal, legendada com os dizeres: “DOM PEDRO II IMPERADOR DO BRASIL Destronado em 15 de novembro de 1889” (Fig. 7). No dia seguinte, 22 de novembro, *La Ilustración Española y Americana* também publicou em sua capa um retrato xilogravado muito semelhante; o texto de abertura do periódico madrileno, assinado por José Fernandez Bremón, frisava a surpresa diante das notícias sobre a proclamação que então chegavam à Europa, esboçando um perfil da trajetória e do caráter de Dom Pedro II que funcionava como um verdadeiro *pendant* para a sóbria imagem de capa<sup>36</sup>.



**Fig. 7** – D. PEDRO II IMPERADOR DO BRASIL/ Destronado em 15 de novembro de 1889, gravura publicada em *A Comedia Portuguesa*, Lisboa, 21 nov. 1889, p. 01.

<sup>36</sup> BRÉMON, J. F. “Crónica general” *La Ilustración Española y Americana*, Madrid, 22 nov. 1889, p. 298.

Embora dando primazia aos retratos dos republicanos acima discutidos, também a edição de *L'illustration* de 23 de novembro dedicou toda uma série de gravuras à ex-família imperial. Ao lado de outro retrato de Dom Pedro II, havia um da ex-Imperatriz Theresa Cristina de Bourbon e das Duas Sicílias (1822-1889) e um do conde d'Eu, Gastão de Orléans (1842-1922), marido da princesa Isabel de Bragança e Bourbon (1846-1921), filha do ex-Imperador. Esses retratos eram acompanhados por gravuras de monumentos ligados à ex-família imperial: o Palácio Imperial na cidade de Petrópolis, atual Museu Imperial, onde Dom Pedro II recebeu a notícia de sua deposição; o Palácio Imperial da Quinta de Boa Vista, atual Museu Nacional, no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro; a Capela Imperial, atual Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no centro do Rio; e a antiga Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes, também no centro do Rio, tendo ao centro a estátua equestre de Dom Pedro I do Brasil (Dom Pedro IV de Portugal, 1798-1834), realizada pelo escultor francês Louis Rochet (1815-1900).

Nas semanas finais de 1889, praticamente todas essas imagens relativas à ex-família imperial foram retomadas, com ligeiras variações, por outros periódicos europeus: por *La Ilustración Española y Americana*, em 30 de novembro (cfr., por exemplo, a imagem da Praça da Constituição na parte inferior da Figura 6); por *Le Monde Illustré*, em 30 de novembro e em 21 de dezembro; por *O Occidente*, em 11 de dezembro; e, finalmente, por *A Ilustração*, em 20 de dezembro.

Os retratos de membros da ex-família imperial brasileira publicados em periódicos europeus seguiam de perto a fórmula dos retratos dos líderes republicanos comentados mais acima. Inclusive, por vezes monarquistas e republicanos eram justapostos em uma mesma página, contando apenas com o conteúdo das legendas para diferenciá-los aos olhos dos leitores europeus. O retrato de Dom Pedro II, contudo, costumava se destacar, ocupando uma página inteira ou aparecendo em um escala ligeiramente maior do que os outros. Os textos que se referiam a esses retratos da ex-família imperial mantinham um tom neutro e informativo, sendo difícil determinar, no estado atual das investigações, se e em que medida tais imagens conotavam um desejo de restauração do regime abolido no Brasil.

## **Alegorias e Caricaturas**

Se podemos afirmar que um tom francamente respeitoso predomina nos retratos do ex-Imperador aos quais até aqui nos referimos, o mesmo não pode se dito a respeito das imagens que compõe o último grupo de imagens que gostaríamos de aqui comentar. Esse grupo é composto por alegorias e caricaturas que, aparentemente ausentes dos periódicos franceses e espanhóis, podem ser encontradas com certa frequência em algumas revistas ilustradas portuguesas.

A primeira das imagens desse gênero foi publicada já na acima citada edição de *A Comedia Portuguesa* de 21 de novembro de 1889. Trata-se de um desenho litografado de autoria do artista português Julião Machado (1863-1930) que ocupa duas páginas inteiras da revista e é intitulado “A Anunciação” (Fig. 8). Em primeiro plano, vemos Dom Pedro II em trajes civis, de jaquetão e cartola, sustentando um guarda-chuva e um cetro sob o seu braço esquerdo e segurando com as duas mãos uma maleta onde se pode ler a palavra “sonetos”, em referência às pretensões

literárias do ex-monarca. Atrás deste, se ergue a figura da República portando o barrete frígio, que já encontramos em uma das novas moedas republicanas; essa República é, porém, alada, o que a vincula diretamente a Gabriel, o arcanjo responsável pela Anunciação à Virgem Maria, episódio evocado pelo título do desenho. O que a República anuncia a Dom Pedro II é a necessidade de que esse deixe o seu trono, como se pode ler no diálogo abaixo do desenho: “– Sabe V. Majestade Imperial que tem de me ceder o lugar? | – Já sei, Já sei.”<sup>37</sup>. A República aponta para o vazio à direita da imagem, enquanto em baixo, à esquerda, podemos ver algumas palmeiras que fazem referência às terras brasileiras que o ex-Imperador foi forçado a abandonar. Apesar do tom irônico, Julião Machado evitou caricaturar em demasia a figura de Dom Pedro II, em consonância com o espírito de “crítica moralisadora e fecunda, não menos cruel, por delicada”<sup>38</sup> que presidia à *Comedia Portuguesa*. De fato, o decoroso retrato do ex-Imperador é muito semelhante ao da capa d’A *Comedia Portuguesa* que mais acima reproduzimos (Fig. 7).



**Fig. 8** – A ANUNCIAÇÃO, desenho litografado de Julião Machado publicado em *A Comedia Portuguesa*, Lisboa, 21 nov. 1889, p. 01.

<sup>37</sup> “A Anunciação”. *A Comedia Portuguesa*, Lisboa, 21 nov. 1889, p. 05

<sup>38</sup> LEANDRO, Sandra. “19 tragédias, 20 comédias na arte portuguesa do século XIX”. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (Org.). *Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014, p. 478.

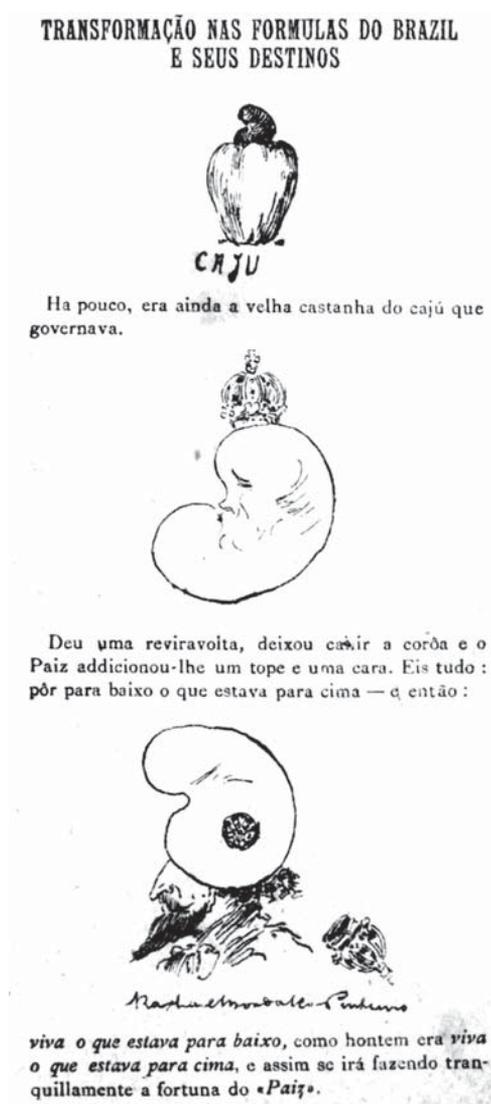
Todavia, o recurso à caricatura para representar de modo crítico tanto a República brasileira quanto o ex-Imperador seria muito explorado por outros artistas portugueses, especialmente por Raphael Bordallo Pinheiro e por seu filho, Manoel Gustavo (1867-1920). Nas quatro edições de *Pontos nos ii* publicadas entre 21 de novembro e 12 de dezembro de 1889, a dupla criou diversas imagens isoladas e outras tantas narrativas gráficas ironizando a proclamação da República e o exílio de Dom Pedro II. Aqui, nos centraremos em alguns desenhos litografados publicados na edição de 05 de dezembro de *Pontos nos ii*.

O primeiro compreende a metade esquerda de uma ilustração de página dupla intitulada “MANEIRA DE TIRADENTES SEM DOR” (Fig. 9): nesta que é certamente uma de suas mais inusitadas representações, a proclamação da República brasileira é figurada como uma extração de dentes – o título é, portanto, uma referência ao conhecido mártir da Inconfidência Mineira, Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), alcunhado de “Tiradentes” por ser um dentista de profissão. Assinado por Raphael Bordallo, o desenho tem um caráter híbrido, lançando mão simultaneamente dos códigos da alegoria e da caricatura. O Brasil é figurado como um índio, na tradição consolidada desde meados do século XIX pelo movimento romântico brasileiro; trata-se, porém, de um índio que pouco tem de heroico e cujas feições grotescas são sublinhadas pela sua escala gigantesca em comparação a dos outros personagens que aparecem na cena. São estes o Marechal Deodoro e Quintino Bocayuva, ambos portando barretes frígios, em referência à sua adesão ao novo regime. Usando um instrumento onde se pode ler “EXÉRCITO” e um garfo, Deodoro extrai da boca do índio um dente, que apresenta os traços caricaturados do próprio Dom Pedro II: trata-se, na verdade, de um “Pedro Caju”, uma usual caricatura do ex-Imperador que o comparava com uma castanha de caju por conta de seu queixo proeminente.



**Fig. 9** – *Maneira de Tiradentes Sem Dor* (detalhe), desenho litografado de Raphael Bordallo Pinheiro, publicado em *Pontos nos ii*, Lisboa, 05 dez. 1889, p. 300-301.

Raphael Bordallo muito provavelmente entrou em contato com o tipo caricatural do “Pedro Caju” quando trabalhou no Rio de Janeiro, entre 1875 e 1879 e, na edição de 05 de dezembro de *Pontos nos ii*, ele voltou a empregá-lo para apresentar, em uma sequência de três pequenos desenhos, outra versão irônica da proclamação (Fig. 10): nesta, uma castanha de caju portando uma coroa e evocando Dom Pedro II se transforma no enorme barrete frígio que cobre a cabeça do republicano Bocayuva. De certo, o “Paiz” referido no final dessa pequena narrativa gráfica não é o Brasil, mas sim o jornal dirigido pelo líder do PRB: ao afirmar que este fará “fortuna” em decorrência da inversão de valores políticos provocada pela proclamação da República, Raphael Bordallo parece insinuar que, tão ou mais do que a ideologia republicana, são os interesses financeiros que se encontram por trás das ações de Bocayuva.



**Fig. 10** – TRANSFORMAÇÃO NAS FÓRMULAS DO BRASIL E SEUS DESTINOS, desenhos litogravados de Raphael Bordallo Pinheiro, publicados em *Pontos nos ii*, Lisboa, 05 dez. 1889, p. 302.

Seria impossível, no espaço que aqui delimitamos, comentar todos os desenhos de Raphael Bordallo e de seu filho que vieram a lume nas semanas seguintes à proclamação da República brasileira e que merecem um estudo específico. Nesse sentido, cremos que é importante frisar justamente o caráter não exaustivo do presente trabalho, que apresenta, antes, os resultados de uma investigação em andamento que pretendemos ampliar e que no futuro deverá incorporar imagens publicadas em periódicos de outros países europeus, em particular da Inglaterra. Todavia, à guisa de considerações finais, cremos que desde já é possível afirmar a importância do estudo da circulação europeia de imagens sobre a República brasileira e sua proclamação, que procuramos aqui empreender: por sua própria heterogeneidade, estas imagens podem contribuir de modo significativo para que amplie nossa percepção das diferentes visões a respeito do evento que então competiam pelo seu significado político.



#### RESUMO

Este artigo busca discutir imagens relacionadas à implantação do regime republicano no Brasil que foram publicados em revistas ilustradas europeias entre finais de 1889 e 1890. Serão consideradas três revistas editadas em Lisboa (*A Comedia Portuguesa, O Occidente e Pontos nos II*), uma em Madri (*La Ilustración Española y Americana*) e duas em Paris (*Le Monde Illustré* e *L'illustration*), além de *A Ilustração*, um periódico luso-brasileiro que também era editado em Paris. Mais do que simples ilustrações de acontecimentos históricos, estas imagens serão consideradas aqui como atos que ajudaram a moldar o significado da realidade política da República brasileira.

**Palavras Chave:** República Brasileira; Iconografia Política; Cultura Visual; Final do século XIX.

#### ABSTRACT

This paper discusses some images related to the establishment of the Brazilian Republic that were published in European illustrated magazines between late 1889 and 1890. We will consider three magazines published in Lisbon (*A Comedia Portuguesa, O Occidente and Pontos nos II*), one in Madrid (*La Ilustración Española y Americana*) and two in Paris (*Le Monde Illustré* and *L'illustration*), as well as *A Ilustração*, a Luso-Brazilian magazine that was also published in Paris. More than mere illustrations of historical developments, these images will be considered here as acts that helped to shape the meaning of the political reality of the Brazilian Republic.

**Keywords:** Brazilian Republic; Political Iconography; Visual Culture; Late 19<sup>th</sup> Century.

Artigo recebido em 28 jan. 2016.

Aprovado em 05 abr. 2016.